

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
7 e 9 de abril de 2025

THIS IS THE ARMY / 1943

Forja de Heróis

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / **Argumento:** Casey Robinson e Capitão Claude Binyon / **Canções:** Irving Berlin / **Fotografia:** Bert Glennon, Sol Polito / **Sequências de montagens:** Don Siegel, James Leicester / **Montagem:** George Amy / **Direcção de Technicolor:** Natalie Kalmus, Richard Mueller / **Som:** C.A. Riggs / **Direcção dos diálogos:** Sargento Edward Blatt / **Danças:** LeRoy Prinz, Robert Sidney / **Figurinos:** Orry Kelly, Leon Robicheau / **Direcção Musical:** Leo F. Forbstein / **Intérpretes:** George Murphy (Jerry Jones), Joan Leslie (Eillen Dibble), George Tobias (Maxie Twardofsky), Alan Hale (Sargento McGee), Charles Butterworth (Eddie Dibble), Dolores Costello (Sra. Davidson), Una Merkel (Rose Dibble), Stanley Ridges (Major Davidson), Rosemary DeCamp (Ethel), Ruth Donnelly (Sra. O'Brien), Dorothy Peterson (Sra. Nelson), Frances Langford (cantora do café), Gertrude Niesen (cantora), Kate Smith (a própria), Ilka Gruning (Sra. Twardofsky), Tenente Ronald Reagan (Johnny Jones), Sargento Joe Louis (Joe Louis), Sargento Tom d'Andrea (Tommy), Sargento Julie Oshins (Ollie Twardofsky), Sargento Robert Shanley (Ted Nelson), Coronel Herbert Anderson (Danny Davidson). Como soldados: 1º Sargento Alan Anderson, Sargentos Ezra Stone, James Burrell, Ross Elliott, Alan Manson, John Prince Mendes, Earl Oxford, Philip Trueg; capitães James MacColl, Ralph Megelssen, Tileston Ferry; soldados Joe Cook Jr., Larry Weeks; The Allon Trio.

Produção: Jack L. Warner, Hal B. Wallis, segundo o espectáculo realizado por Irving Berlin para a Warner Brothers / **Cópia:** DCP, colorida, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 114 minutos / **Estreia Mundial** (Destinada a recolha de fundos para o Army Emergency Relief): Hollywood e Nova Iorque, 28 de Julho de 1943 / **Estreia em Portugal:** Éden, 2 de Novembro de 1945.

Já fez 101 anos e ainda mexe. Chama-se Irving Berlin, o homem cuja história se identifica com a da música popular americana da primeira metade deste século. Nascido na Sibéria em 1888 e crismado como Israel Baline, tornou-se, sem qualquer formação musical, um nome de presença permanente na Broadway, e no cinema musical (que começou a cantar com Berlin em **The Jazz Singer**) nas décadas de 30, 40 e 50.

This is the Army é um espectáculo patriótico que Berlin decidiu levantar para apoiar o esforço de guerra, e destinado à recolha de fundos para o Army Emergency Relief. Na versão cinematográfica, Berlin, Curtiz e muitos outros dos intervenientes trabalharam gratuitamente, enquanto os 350 soldados que são o pano de fundo e o friso coral do espectáculo, foram pagos apenas com o pré.

Mas antes de ser filme, **This is the Army** passou pelos palcos da Broadway, onde se estreou a 4 de Julho de 1942. O produtor foi, naturalmente, o Tio Sam, *himself*, enquanto a direcção esteve a cargo de Ezra Stone e Joshua Logan. O primeiro era também o principal intérprete ao lado de Burl Ives, Gary Merrill, Julie Oshins, Philip Truex e o próprio Berlin. Os três últimos entram também na versão cinematográfica. Basicamente **This is the Army** era uma actualização feita por Berlin depois do ataque a Pearl Harbor, do seu espectáculo militar de 1917, *Yip Yip Yaphank*, destinado à recolha de fundos por todo o país, tarefa que, como já referimos, foi continuada e com melhor sucesso, pela versão cinematográfica. Patriótico, nostálgico, estimulante, o espectáculo procurava galvanizar o entusiasmo dos espectadores, levá-los a empenharem-se naquela guerra, na convicção de que "this time is the last time", como nos diz a imponente encenação final.

O argumento de Casey Robinson e Claude Binyon faz uma síntese dos dois espectáculos de Berlin. Do primeiro guarda a abertura cantada por Gertrude Niesen ("Your Country and My Country") e todas as melodias que se intercalam com as sequências da primeira Grande Guerra, transferindo uma para o final, aquela que seria interpretada pelo próprio Berlin ("Oh How I Hate to Get Up in the Morning"). Algumas não faziam parte de qualquer dos "shows", como "God Bless América" (considerado o segundo hino dos EUA, e mais popular do que o oficial) que serve de raccord entre as duas épocas numa sequência que Michael Curtiz manipula com mão de mestre e que, na sua obra, se pode comparar com a da Marselhesa em **Casablanca**. O resto das melodias são parte do espectáculo da Broadway.

A Warner Brothers recorreu a algumas das suas vedetas para preencher o fio de argumento que ligava os diversos quadros do "show". Um deles foi o futuro presidente dos EUA, Ronald Reagan, que se encontrava integrado no exército com o posto de tenente e aqui teria a sua última aparição por um espaço de 4 anos. Sobre a sua presença no Exército, Otto Friedrich conta uma conhecida anedota no seu livro *City of Nets: A Portrait of Hollywood in the 1940's*: "a sua vista era tão fraca que, quando foi chamado para o serviço, um médico disse-lhe: 'Se o mandarmos para o exterior acaba por atingir um general', ao que um segundo médico retorquiu: 'Sim, e não acerta'". Mais tarde acertaria num alvo bem mais difícil, mas, naquele momento, acabou por ficar adstrito aos abastecimentos de comboios, sendo depois enviado para Hollywood para angariação de fundos e locução de filmes de treino para os recrutas. Velhas caras conhecidas dos frequentadores da Cinemateca surgem ao longo do filme, do estreante Henry Jones (o futuro magistrado irritante que censura James Stewart em **Vertigo**), ao velho companheiro de aventuras de Errol Flynn, Alan Hale (num indescritível "travesti" no quadro **Ladies Of the Chorus**), não faltando também alguns nomes, não cinematográficos, que então gozavam de grande popularidade: a cantora Kate Smith interpretando "God Bless America", e o pugilista Joe Louis, presença simbólica praticamente limitada aos exercícios na "punching bag".

Se até agora nos limitámos a falar do espectáculo e dos seus intervenientes é porque eles são o miolo de **This is the Army**. Mas este miolo podia esfarelar-se todo (como já se viu mais de uma vez) se não tivesse uma boa côdea a protegê-lo. Neste caso a côdea é coriácea: Michael Curtiz. Dir-se-ia um corredor de maratona, e não apenas no número de filmes (nesse ano de 1943 passa sucessivamente de **Casablanca** a **Mission to Moscow** e **This is the Army**, depois de ter fechado 42 em beleza com **Yankee Doodle Dandy**) mas pelo próprio ritmo que imprime a cada filme, em que os planos se sucedem uns aos outros num ritmo arfante, e cada um possuindo uma tensão interior quase à beira da ruptura. Cada plano exige o seguinte como uma inspiração a outro, para canalizar essa tensão que, desta forma, percorre todo o filme num movimento autónomo e poderoso. Assim dirigido, **This is the Army** surge

animado por um dinamismo que os limites do palco, onde decorre a maioria da acção, não conseguem espartilhar. Todo o filme “transborda”, literalmente falando, para lá da área ao fotograma, como se se prolongasse para a própria sala. O êxito do filme, para além das circunstâncias do momento, reside também neste poder de comunicação. **This is the Army**, a que Theodore Strauss chamou “tão Americano como o hot-dog ou o Bill of Rights”, partilha com **The Bells of St. Mary’s** de Leo McCarey, o quarto lugar na lista dos campeões de bilheteira da década de 40, só ultrapassado por **The Best Years of Our Lives**, **Duel in the Sun** e **Samson and Delilah**.

Logo ao começo a maestria de Curtiz faz-se sentir na forma como orquestra, em planos breves e plongées fulgurantes, a partida dos “rookies” para a Grande Guerra, a primeira das ditas, saindo do palco onde participavam no espectáculo, e brilha de forma particular no portentoso raccord temporal que vai do copo partido por George Murphy ao plano em que o vemos envelhecido com o filho (Reagan), ao som do “God Bless America”, que todos os velhos companheiros ouvem em locais diversos. O drama de Pearl Harbor é-nos dado numa rápida montagem de documentos feita por Donald Siegel, e é o ponto de partida para a repetição do movimento inicial, da realização de um “show” para os militares, que abrirá com o famoso “This is the Army Mr. Jones”. Mas o filme não é apenas este ritmo a toque de clarim, embora a ele se devam os melhores momentos, de que se devem destacar as homenagens prestadas aos outros ramos das forças armadas: à Marinha com “How About a Cheer for the Navy”, com os ângulos oblíquos da câmara de Curtiz, e à Força Aérea com as imagens solenes e crepusculares que acompanham “American Eagles”. E também os momentos de melancolia tão bem captados no quadro “I Left My Heart at the Stage Door Canteen”, onde um travesti reproduz a figura de Alice Faye.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico